

A SÍNDROME DE BURNOUT NOS PROFISSIONAIS DO MAGISTÉRIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA: Reflexões sobre a prática docente

*Sílvia Aparecida Alves*¹

*Marcielle Stiegler Ribas*²

*Eduardo Beltrão de Lucena Córdula*³

¹ Pós-graduação em Especialização em Organização Pedagógica da Escola – Supervisão (2013), Graduada em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA (2011) Internacional de Curitiba – FACINTER. E-mail: silviaalves334@gmail.com

² Doutora e Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Especialista em Formação Pedagógica do Professor Universitário pela PUCPR (2006), Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná (2005). E-mail: marci.ribas@hotmail.com

³ Doutorando e Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFPB); Especialista em Supervisão Escolar (IESP); Licenciado em Biologia (UFPB); Professor de Educação Básica da Prefeitura de Cabedelo-PB. E-mail: eduardo_cordula@yahoo.com.br

RESUMO

A Síndrome de *Burnout* tem se destacado como um dos grandes problemas psicossociais que vem atingindo os educadores no Brasil, principalmente na Educação Básica. Esta realidade é bastante preocupante, uma vez que essa síndrome, afeta principalmente aqueles mais dedicados à educação. O objetivo deste estudo é analisar a percepção do professor(a) sobre o estresse provocado na sua atuação profissional, ressaltando as causas, sintomas e consequências, assim como evidenciar a atuação do supervisor como um agente preventivo ao estresse que pode levar a casos de desenvolvimento da Síndrome de *Bournout*. Para alcançar esse objetivo, foi realizada uma pesquisa Qualitativa, de Campo, com Entrevistas Formais, com utilização de Questionário Estruturado com 10 professoras de Educação Básica, do Ensino Fundamental I, onde os dados obtidos foram analisados pelo método Qualitativo Descritivo. Os resultados mostram que os professores(as) afirmam que na sua atuação profissional há estresse diário, que causa desânimo e frustrações, onde sabem que este desgaste psicoemocional pode levar ao desenvolvimento do *Burnout* e que mudanças em vários níveis e instâncias são necessárias para que melhorias venham a surgir na atuação do magistério. Portanto, conclui-se que é necessário uma mudança no sistema educacional, com apoio da sociedade, para que os professores(as) possam atuar de forma salutar e assim, não desenvolverem síndromes provocadas pelo estresse excessivo, a exemplo do *Burnout*.

Palavras-Chave: Burnout. Educação. Professor.

doi: [10.33501/revetos2017.002](https://doi.org/10.33501/revetos2017.002)

1 INTRODUÇÃO

A Síndrome de *Burnout* é de difícil caracterização, em virtude dos seus sintomas serem parecidos com o de outras doenças, dentre elas o estresse psicológico. De acordo com Ferreira et al. (2013), estresse é um conjunto de perturbações orgânicas e psíquicas provocadas por estímulos variados ou agentes agressores, como, por exemplo, uma emoção, choque cirúrgico, entre outros. Já *Burnout* é um termo inglês – *burn*, queimar e *out*, exterior – que, originalmente, designava usuários de drogas que se consumiram por causa do vício, significa literalmente esgotamento causado pelo consumo excessivo de energia (CAMPOS, 2008; FREIRE, 2010). Isso sugere que, quem tem esse tipo de estresse sente-se consumido física e emocionalmente, e começa a apresentar comportamento agressivo e irritadiço (FREIRE, 2010; FERREIRA et al.; 2013).

Profissionais idealistas, dedicados e exigentes consigo mesmos, estão mais propensos a sofrer desta síndrome, assim como, aqueles que estão propensos a serem desorganizados, com baixos salários, poucas possibilidades de promoção, assédio moral e competição excessiva no ambiente de trabalho (FREIRE, 2010). São diversos elementos estressores existentes na atividade docente, sendo que alguns estão diretamente relacionados a suas funções, outros ao contexto social e institucional onde estas são exercidas (CARLOTTO, 2002). Dentre eles, destacam-se a indisciplina, altos índices de violência escolar, baixa remuneração, desvalorização e falta de apoio dos pais. Estes estressores, quando persistentes, podem acarretar a Síndrome de *Burnout*, caracterizada como sendo um tipo de estresse persistente relacionado exclusivamente ao local de trabalho (CAMPOS, 2008).

A principal característica dessa síndrome, é o estado de tensão emocional e estresse crônico provocado por condições laborais físicas, emocionais e psicológicas desgastantes (CAMPOS, 2008). O *Burnout* se manifesta especialmente em pessoas cuja profissão exige envolvimento interpessoal direto e constante (Ibidem). Em síntese, é a ausência de motivação ou interesse em atividades sociais; acompanhada de mal-estar na atuação profissional (TOMAZELA et al., 2007). Como a síndrome se manifesta marcadamente em educadores, em virtude do universo diversificado de alunos que convivem, Tomazela et al. (2007), afirmam que, sua principal manifestação é a desistência do profissional em se envolver e manifestar satisfação com o trabalho que realiza. Portanto, a síndrome atinge principalmente profissionais que são encarregados de cuidar de pessoas e que por isso estão mais propensos a estabelecer vínculos afetivos (ACEVES, 2006).

Frente ao exposto e diante da gravidade do *Burnout*, tanto para a saúde do professor(a), quanto para a educação, percebe-se que é essencial que se faça intervenções para a prevenção e auxílio destes profissionais que já manifestam algum dos sintomas (SILVA; CARLOTTO, 2003).

1.1 A Síndrome de *Burnout* no Magistério

Segundo dados da pesquisa de Leite (2007), de 15 em cada 100 professores da rede pública de ensino de Brasília-DF, sofrem de *Burnout*. Esta síndrome tem sido alvo de estudos e preocupações por parte da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), que desde 1999 tem investigado a incidência desta síndrome em docentes.

De acordo com os dados da pesquisa realizada pela CNTE em parceria com a UnB¹ (LEITE, 2007), quase a metade dos profissionais entrevistados (48%) manifestavam algum tipo de sintoma do *Burnout*. Em 2004 foi realizada nova pesquisa (Ibidem), desta vez em dez estados brasileiros, verificou-se que 30,4% dos profissionais das escolas (professores e funcionários) tiveram problemas manifestos em sua saúde física e mental, dentre os quais 22,6% necessitaram de licenças, afastando-se temporária ou definitivamente do trabalho.

Portanto, a síndrome quando manifestada em professores(as), acarreta graves prejuízos para a escola, devido a necessidade de afastamento do profissional qualificado da educação, já que acomete principalmente, os mais dedicados e exigentes com a qualidade da ação docente; e interfere diretamente no alcance de metas de ensino-aprendizagem (SILVA; CARLOTTO, 2003).

Em virtude disso, a legislação brasileira, através do Decreto n. 6.042/2007, que alterou o Regulamento Geral da Previdência Social (Decreto n. 3.048/1999) para reconhecer a Síndrome de Esgotamento Profissional (*Burnout*) como doença do trabalho (BRASIL, 2007) (Quadro 1).

Quadro 1 – Transtornos relacionados ao trabalho (Grupo V da CID-10). **Fonte:** BRASIL (1999).

<i>Transtorno</i>	<i>Agentes Etiológicos ou Fatores de Risco de Natureza Ocupacional</i>
XII – Sensação de Estar Acabado (“Síndrome de <i>Burn-Out</i> ”, “Síndrome do Esgotamento Profissional”) (Z73.0)	1. Ritmo de trabalho penoso (Z56.3) 2. Outros transtornos físicos e mentais vinculados ao trabalho (Z56. 6)

¹ Foram entrevistados 52 mil pessoas, em 1440 escolas dos 27 estados brasileiros (LEITE, 2007).

1.2 *Burnout*: Etapas de desenvolvimento e sintomas

A síndrome é manifesta como estresse ocupacional em profissionais que mantêm constantemente relações interpessoais, principalmente as motivadoras de estresse (CAMPOS, 2008). De acordo com Reinhold (2002), a síndrome de *Burnout* tem diversas etapas de manifestação: idealismo, realismo, estagnação e frustração ou quase *Burnout*, apatia, *Burnout* total e o fenômeno fênix. Na etapa inicial há um grande entusiasmo do educador em relação ao trabalho, a seguir há a constatação que as ideologias e aspirações do educador não serão alcançadas e que o esforço empreendido pelo mesmo não será recompensado. Então ele passa a se sentir frustrado (SILVA; CARLOTTO, 2003).

Para lidar com esta frustração, o professor passa a investir ainda mais no trabalho, em busca da sua realização, mas se sente ainda mais desiludido e incompetente (ACEVES, 2006). Desta forma, o entusiasmo e o prazer de lecionar cedem, cada vez mais, lugar à frustração e é neste momento que se inicia a fase de estagnação ou quase *Burnout* (SILVA; CARLOTTO, 2003). Nesta etapa aparecem os sintomas mais perceptíveis do *Burnout*, irritação, isolamento, atrasos e absenteísmo (Ibidem). O docente demonstra grande apatia e sinais de estresse crônico, e é nesta etapa que ele ostenta um enorme desânimo com a educação, autoestima bastante abalada, depressão, desejo de abandonar a profissão, podendo chegar a situações agudas com uso de substâncias químicas e psicotrópicas, além de casos mais graves com tentativas de suicídio (ACEVES, 2006).

Já a fase denominada por Reinhold (2002) como fenômeno fênix, representa o afastamento do problema, ou seja, o abandono da profissão. Porém, esta etapa quase nunca ocorre. Muitos desistem, outros se limitam a esperar ansiosamente pela chegada das férias ou aposentadoria. Assim como qualquer outro tipo de estresse, a síndrome pode ocasionar transtornos psicossomáticos tais como: fadiga crônica, dores de cabeça constantes, neoplasia (câncer), insônia, úlceras digestivas, hipertensão arterial, acidentes cardiovasculares, desordens gastrintestinais, perda de massa corpórea, dores a nível muscular e óssea, além de alergias e outros sintomas, variando de caso para caso (REINHOLD, 2002).

1.3 Atuação do Professor(a) e o *Burnout*

As exigências sociais são cada vez mais intensas e as responsabilidades do trabalho docente, muitas vezes, opressivas e, os baixos salários impelem a assumir dupla e até tripla jornada de trabalho,

na tentativa de complementação da renda familiar (VASCONCELOS, 2007). Além da sobrecarga de planejamentos de atividades distintas para diversas turmas, e, correção de inúmeras atividades escolares em horário extraescolar (GADOTTI, 2002).

De acordo com Reinhold (2002, p. 65), essa síndrome não surge em curto espaço de tempo, mas sim, devido a exposição acumulativa ao longo do tempo de atuação profissional, aos fatores estressantes, de esgotamento físico e mental, tendo como primeiros sintomas ao chegar no ambiente de trabalho, os ataques de pânico (escola).

Qualquer nação que buscar o desenvolvimento, investe na educação e na formação dos professores, pois são os principais agentes da educação e, portanto, de transformação da sociedade (VASCONCELOS, 2007). Para Chalita (2001), a pilastra fundamental que alicerça o saber na escola é o professor(a), necessitando haver por parte dos sistema educacional, das instituições públicas e privadas, sua devida valorização e a logística das escolas, para que possam desempenhar o ato de ensinar.

No entanto, há uma crescente desvalorização deste profissional por parte dos pais, alunos e governantes. No início do século passado, o professor(a) era um profissional valorizado e respeitado pela sociedade, o que gerava autoestima e prestígio a este profissional (GADOTTI, 2002). Atualmente, a inversão de valores morais e éticos, o desrespeito a cultura, o sucateamento das instituições de ensino, a falta de investimentos adequados nas escolas e na formação dos profissionais, exigências dos sistema educacional em se atingir metas quantitativas de aprovação, a falta de corresponsabilidade das famílias na educação dos seus filhos, a falta de compromisso, competências e ética de alguns “profissionais”, a falta de apoio da sociedade e das famílias, a indisciplina e a violência externalizada por parte dos educandos na sala de aula, a desvalorização da educação como caminho para o desenvolvimento pessoal e formação profissional e a desvalorização salarial, conduziram à desvalorização profissional do professor(a) (REINHOLD, 2002; GADOTTI, 2002; VASCONCELOS, 2007; BOY, 2010). Outro empecilho é a falta de autonomia docente, onde este é submetido a um sistema obsoleto que o obriga a aprovar um aluno mesmo este não apresentando condições para tal aprovação (SILVA; CARLOTTO, 2003).

1.4 Relação Professor-Aluno e os seus Conflitos

Empatia, respeito e diálogo são essenciais no ambiente escolar (VASCONCELOS, 2007). É imprescindível que o educador e o aluno tenham um relacionamento positivo e harmonioso, para que

a aprendizagem aconteça plenamente. Chalita (2001, p. 162) afirma que "(...) O mestre tem de transbordar afeto, cumplicidade, participação no sucesso, na conquista de seu educando; o mestre tem de ser o referencial, o líder, o interventor seguro, capaz de auxiliar o aluno em seus sonhos, em seus projetos". Por outro lado, Carlotto (2002) afirma que o professor acaba desempenhando vários papéis para poder lidar com as adversidades e dificuldades de todas as ordens/níveis, que surgem durante o ato de ensinar na sala de aula (conflitos, desinteresse, apatia, violência, *bullying*, preconceitos, etc.).

No entanto, essa incoerência de papéis pode ser causadora da síndrome de *Burnout* e impedir o professor de criar este vínculo afetivo com seus alunos (BALLONE, 2009). Uma vez que a síndrome causa a desumanização do educador, ou seja, o docente perde a capacidade de se relacionar emocionalmente com seus alunos, agindo com cinismo e indiferença (CAMPOS, 2008).

Além disso, é imprescindível que o governo atue na busca de melhores condições para o trabalho do educador, com melhores salários e reconhecimento da importância social do docente. Mas também, é necessário que o professor se conscientize do seu papel, que muito mais é do que ensinar teorias é, acima de tudo, formar cidadãos humanos, atuantes e críticos (CAMPOS, 2008).

O objetivo do presente estudo foi identificar pela percepção do professor(a) em atuação na educação básica, as situações que podem levá-lo ao adoecimento pelo *Burnout*.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

2.1.1 Público do Estudo

Participaram do estudo 10 Professoras de Educação Básica, do Ensino Fundamental I da rede pública municipal de ensino, com faixas etárias entre 24 e 50 anos, com 2 há 25 anos de atuação no magistério. O presente estudo foi realizado durante o ano de 2013, na cidade de Bom Despacho-MG.

2.1.2 Métodos

Para o pleno desenvolvimento da pesquisa, adotou-se o modelo de abordagem Qualitativa (MARCONI; LAKATOS, 2004), com a Pesquisa de Campo, Entrevista Formal com o público da pesquisa, através de Questionário Estruturado e análise dos dados pelo método Qualitativo Descritivo.

A Pesquisa de Campo se caracteriza por investigar fenômenos nos locais em que ocorrem e onde o pesquisador não está inserido (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

A Entrevista Formal tem como premissa a obtenção de dados da vivência e dos conhecimentos dos entrevistados (GIL, 1987), com a intenção de investigar qualitativamente se os docentes e o supervisor escolar conheciam a síndrome e maneiras de evitá-la e, ainda, de que forma o supervisor poderia atuar para prevenção do *Burnout*. Para a sua realização, foi redigido um Questionário Estruturado, que se caracteriza por perguntas pré-elaboradas, discursivas (GIL, 1987), que foram organizadas para obtenção de alguns dados demográficos, dados profissionais e sobre fatores de estresse percebido pelas professoras.

Para a análise dos dados das entrevistas, foi adotada a metodologia Qualitativa Descrita, agrupamento e descrição dos dados de pesquisas de forma discursiva da temática manifestada (MARCONI; LAKATOS, 2004). As professoras foram nomeadas pela sua profissão, inicial maiúscula e acrescido uma letra sequencial do alfabeto: Professora A, B, C, E, F, G, H, I, J e K.

O presente estudo em todas as suas etapas, foram respeitadas a ética para pesquisas com seres humanos, com base na então Resolução n. 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, onde o sigilo dos dados pessoais, bem como a não identificação dos participantes foram garantidos (BRASIL, 2012).

2.1 Resultados e Discussão

Todas as professoras atuam há no mínimo 2 anos em escolas da rede pública municipal de ensino, na educação Básica, no Ensino Fundamental I.

A primeira e a segunda pergunta do Questionário Estruturado foram sobre os motivos da escolha profissional e o que as professoras sentem ao lecionar: 60% responderam que escolheram a docência por vocação ou por amar crianças, e 40% por não terem outra alternativa ou função para atuar profissionalmente. Ao ingressar na profissão, muitos professores(as) não conhecem a realidade vivência na sala de aula e das dificuldades no exercício profissional, acabam tendo uma imagem não real dos fatos, o gera um princípio desmotivador (GADOTTI, 2002; VASCONCELOS, 2007).

Todavia, todas as entrevistadas (100%) afirmaram gostar/amar o que fazem e estão satisfeitos com a profissão que escolheram. Esta satisfação está estritamente ligada ao alcance das metas estabelecidas no dia a dia, tais como: perceber a aprendizagem do aluno, o desenvolvimento discente em um cidadão crítico, atuante e o carinho dos mesmos para com seus educadores. Estas afirmações refletem também, o ideal do processo educativo para ser vivenciado nas escolas, porém, não ocorre em todos os casos, como observado nas bibliografias encontradas (CARLOTTO, 2002; SILVA; CARLOTTO, 2003; LEITE, 2007; CAMPOS, 2008; FREIRE, 2010; FERREIRA, 2013). Porém, casos exitosos como os exposto pelo público entrevistado, mostram uma realidade que se destoa da conjuntura atual (BOY, 2010).

Na terceira pergunta do questionário, estava relacionada em saber quais eram as dificuldades cotidianas da profissão. Todas expuseram várias causas, algumas foram repetitivas. Na somatória das afirmações, tem-se que os motivos das dificuldades na sua atuação profissional são: como maiores problemas a indisciplina dos alunos e a falta de apoio dos pais e supervisores escolares; seguido de políticas públicas inadequadas, salas de aulas superlotadas, falta de incentivo, desvalorização e baixos salários. Sobre esta questão, Boy (2010) afirma que, os problemas entrelaçados que afetam a sociedade (violência, desemprego, desestruturação familiar, inversão de valores, falta de aplicação de políticas públicas, etc.) e que são absorvidos pelos educandos, e que acabam sendo externalizados nas escolas, com reflexos diretos na sala de aula e na atividade docente. Outros são problemas ligados a falta de políticas públicas comprometidas com a educação e com a atuação do professor(a) na sala de aula (Ibidem).

O autora acredita que o enfrentamento da indisciplina ou violência escolar deve ser iniciado na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental, pois é justamente nessa fase, que a criança necessita de um trabalho voltado para a construção da moralidade e do respeito às regras e normas da sociedade (Ibidem). E continua afirmando que para isso a construção das regras na escola devem ser coletivas e que os alunos devem ser coautores das mesmas. Alves e Córdula (2014, p. 4) afirmam que esta construção coletiva ocorre, quando a comunidade escolar atinge a maturidade do pleno convívio social com participação, respeito, responsabilidade, cooperação, compromisso, reflexão, crítica, autocrítica.

Estes fatores desencadeados e em conjunto cotidianamente, são estressores para atividade profissional, principalmente ao professor(a), que pode estar atuando em até três turnos e com inúmeras turmas, para manter sua renda familiar em virtude dos baixos salários versus sua formação e titulação (EVANGELISTA; SHIMORA, 2007; PINTO, 2009). Os professores são pressionados de

todas as formas: pela sociedade, pelas famílias, pela gestão e supervisão escolares e pelo sistema educacional (secretarias de educação) (ALVES; CÓRDULA, 2014). Têm que lidar com toda a diversidade de alunos, com suas dificuldades, problemas, potencialidade e, alguns deles inclusive, sem educação doméstica, valores morais e respeito, reflexos da forma como seus pais as (des)educam ou como suas atitudes negativas se refletem em seus filhos(as), gerando hábitos, comportamentos e pensamentos negativos (SOUSA NETO, 2005; NOLTE; HARRIS, 2007). Estes familiares acabam depositando seus filhos nas escolas e delegam toda e única responsabilidade pela educação dos mesmos, aos professores (FREIRE, 1987; ALVES; CÓRDULA, 2014).

Isto torna o ambiente escolar bastante estressante para o professor(a), que precisa interromper a aula a todo instante para tentar criar um ambiente pedagogicamente positivo, e assim, permitir que o processo de ensino aconteça e gere, como consequência, a aprendizagem no educando (BOY, 2010).

Uma das respostas colocadas pelas entrevistadas, foi a falta de apoio às suas atividades pedagógicas na escola ou a ausência da gestão escolar na resolução dos problemas enfrentados com relação aos alunos, como no caso da indisciplina, conforme a afirmação da **Professora A**, que foi transcrito: “a *gravidade (do estresse) depende do apoio que se recebe da direção e demais funcionários da escola*”. Ou seja, quanto mais apoio os educadores recebem em âmbito escolar mais fácil será a missão de educar.

Outra professora entrevistada (**Professor B**), apontou a necessidade de uma “blindagem” para lidar com o estresse em sala de aula. Segundo ela, isto é possível “*trabalhando com carinho, amor e dedicação, porque se ficarmos presas em boa remuneração, e reconhecimento profissional, acabamos adoecendo e acarretando coisas indesejáveis à nossa saúde mental também. Querida, trabalhar com educação é para quem ama a profissão, do contrário, fica difícil*”.

Outro ponto relevante para lidar com o estresse, segundo a **Professora H**, é a “*realização extraclasse de atividades relaxantes, não misturar deveres do trabalho com os afazeres domésticos, fazer algo que goste, passear, ou seja, a realização de algo que dê satisfação e que o faça desestressar*”.

Sobre conhecerem a Síndrome de *Burnout*, 70% mostrou desconhecimento a respeito desta síndrome e a sua relação com o estresse cotidiano, no exercício da sua atividade profissional; enquanto que 20% sabem que a doença existe e acreditam que só professores que a manifestam. No entanto, apenas uma das entrevistados (**Professora D**), conhece a doença, sabe do que se trata e relatou na entrevista, um caso de um profissional da educação que conhece, com o diagnóstico

positivo para *Burnout*. De acordo com Ballone (2009) um número crescente de professores estão sendo acometidos por esta síndrome e que medidas de prevenção e de tratamento precisão serem tomadas pela sociedade e pelos órgãos públicos de educação e saúde.

Os estudos mostram que são raros os números de docentes diagnosticados com *Burnout*, pois em muitos casos, a síndrome é confundida com a Síndrome do Pânico por apresentar sintomas parecidos (GASPARINI et al., 2005; CARLOTTO; CÂMARA, 2008; JBEILE, 2011; BATISTA et al., 2013). O estresse também é citado como explicação inicial para os acometidos pela síndrome. Acredita-se que seja por causa dessa confusão de sintomas, que haja poucos números de educadores diagnosticados (ACEVES, 2006). Segundo a SINPROABC (2007, p. 01), “seria importante que o próprio governo, por meio do MEC, criasse mecanismos para regulamentar, fiscalizar e punir as instituições que desrespeitam a legislação trabalhista e que se transformaram em meros vendedores de diplomas”. Uma vez que a síndrome já consta como doença trabalhista (BRASIL, 1999; 2007).

O que há portanto, é a necessidade de expandir o conhecimento sobre a síndrome aos profissionais envolvidos com o sistema educacional (RITA et al., 2010). Que nos cursos de formação de psicólogos, psiquiatras e médicos, o *Burnout* se torne uma síndrome parte dos seus currículos, para que estes profissionais possam realizar o diagnóstico preciso e as formas de enfrentamento/tratamento aos acometidos por ela (Ibidem). É imprescindível, ainda, que os supervisores, gestores escolares e demais técnicos que atuem na escola, saibam o que é o *Burnout*, como reconhecer os primeiros sinais de sua manifestação e como atuar nas escolas de forma preventiva (CAMPOS, 2008).

Analisando conjuntamente todas as respostas, as professoras preferem esconder sintomas de estresse e outras doenças, por medo e preconceito que possam sofrer nas escolas que atuam, tanto pelos colegas de profissão, como pela gestão e/ou supervisão escolares. Segundo Campos (2008), isto se deve a terem uma percepção de que, estando doente, são vistos como profissionais incapazes e fracos para enfrentar os problemas cotidianos da sala de aula.

A gestão e a supervisão escolares devem auxiliar aos professores, primeiramente, dando suporte e apoio pedagógico, e em segundo, como ouvintes das suas dificuldades cotidianas e, em terceiro, como protagonistas para atuarem conjuntamente nas mudanças necessárias para que estes problemas se revertam (GASPARINI et al., 2005; BATISTA et al., 2013). Esta atuação e outras ações planejadas e executadas no auxílio a atuação do professor(a), o tornará mais produtivo e envolvido emocionalmente com seu trabalho (ALMEIDA; SOARES, 2010; RITA et al., 2010).

No entanto, como pode-se inferir das entrevistas com as professoras, que os supervisores ou pedagogos têm dado pouco ou nenhum apoio aos educadores, pois todas as entrevistadas (100%)

queixaram-se da falta de apoio dentro das escolas. De acordo com Cortesão (2002) os recém-formados em educação perdem o interesse em lecionar devido às péssimas condições de trabalho (salas lotadas, baixo salário, falta de apoio, violência, dentre outros). Outro fator preocupante é que muitos assumem as salas de aula e desistem antes do fim do estágio probatório (GADOTTI, 2002). Muitos se aposentam bem antes do tempo por causa dos problemas de saúde, devido ao estresse a que são submetidos constantemente, sendo esses dados preocupantes, uma vez que os jovens não se sentem atraídos para a profissão e os que já estão em sala de aula perdem a vontade e o prazer de lecionar (ALVES; CÓRDULA, 2014).

Para evitar que isso ocorra, além do apoio, os supervisores escolares podem ajudar os educadores promovendo momentos de reuniões na escola, para que problemas sejam expostos e ações sejam direcionadas na sua resolução; além da assistência às dificuldades apresentadas e respaldo às decisões tomadas pelos educadores dentro da sala de aula (CAMPOS, 2008).

Segundo as professoras entrevistadas, elogiar a sua atuação docente, reforçando positivamente suas práticas e respeitando a metodologia de ensino que adotam, são formas de ajudá-las a serem atuantes, motivadas e menos propensas à serem afetadas pelo estresse cotidiano, auxiliando assim, na prevenção do acometimento pelo *Burnout* (ACEVES, 2006).

Uma das atribuições do supervisor de acordo com Passerino (1996), é mediar o desempenho, a eficácia e a eficiência do trabalho docente, para a formação de profissionais críticos, capazes de interpretar, refletir e analisar adequadamente o processo educacional. Sob a perspectiva dos professores como práticos-reflexivos, o supervisor precisa adotar abordagens mais horizontalizadas, nas quais os docentes planejem, implementem e avaliem contínua e crescentemente os planos desenvolvidos, tendo como norte o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, que expressa a realidade de seus alunos (CARLOTTO; CÂMARA, 2008; ALMEIDA; SOARES, 2010; RITA et al., 2010).

3 CONCLUSÕES

O presente artigo teve o objetivo de refletir sobre a profissão docente e a síndrome de *Burnout*, evidenciando as situações de sala de aula e que levam ao desencadeamento da síndrome e as formas de enfrentamento possíveis.

As condições de trabalho refletem sobre a qualidade de vida do profissional da educação, que ficará abalada pela falta de apoio e de perspectiva de melhorias, o que vem afetando negativamente e levando ao abandono da profissão.

Esta síndrome é extremamente prejudicial à atividade docente, pois os educadores acometidos pela mesma terão que se ausentar constantemente da sala de aula, para tratamento de saúde e/ou, quando estiver lecionando, enfrentarão grandes dificuldades para se relacionarem com seus educando e colegas de trabalho. Portanto, é imprescindível reconhecer e tratar imediatamente aqueles que manifestam os sintomas iniciais, para assim, evitar maiores transtornos no ambiente escolar.

Diante da gravidade do *Burnout*, é imprescindível uma sensibilização para gerar a conscientização necessária para que, todos que constituem a comunidade escolar, a conheçam e atuem preventivamente para que não se manifeste nos professores, além de chamar a responsabilidade de todos envolvidos no desenvolvimento educacional dos alunos, principalmente os familiares.

É necessário também que se pense em políticas públicas adequadas para a realidade educacional brasileira, e, ainda que sejam estabelecidas condições de trabalho atrativas com maior valorização, melhores salários, formação contínua, da garantia de proteção física e moral aos professores(as).

REFERÊNCIAS

ACEVES, Guilherme Axayacalt Gutiérrez et al. Síndrome de Burnout. **Arch Neurocién**, México, v. 11, n. 4, 2006, p. 305-309. Disponível em: <<http://www.medigraphic.com/pdfs/arcneu/ane-2006/ane064m.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2013.

ALMEIDA, Claudia Mara de; SOARES, Kátia Cristina Dambiski. **Pedagogo escolar: as funções supervisora e orientadora**. Curitiba, PR: Editora Ibpx, 2010.

ALVES, Sílvia Aparecida; CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena. Síndrome de Burnout no Magistério. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, n. 37, 21 out. 2014. Disponível em: <<http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/sindrome-de-burnout-no-magisterio>>. Acesso em: 30 out. 2013.

BALLONE, Geraldo José. **Estresse e Síndrome de Burnout**. PsiqWeb – Psiquiatria Geral, 2009. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=70>>. Acesso em: 13 fev. 2013.

BATISTA, Jaqueline Brito Vidal; CARLOTTO, Mary Sandra; MOREIRA, Antonio Marcos. Depressão como Causa de Afastamento do Trabalho: Um Estudo com Professores do Ensino Fundamental. **Psico**, Porto Alegre-RS, v. 44, n. 2, p. 257-262, abr./jun. 2013.

BOY, Priscila Pereira. **Inquietações e Desafios da Escola**. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

BRASIL. **Decreto nº 3048 de 06 de maio de 1999** - Transtornos Mentais e do Comportamento Relacionados com o Trabalho (Grupo V da CID-10). Disponível em: <<http://www.diariodasleis.com.br/busca/exibelin.php?numlink=1-96-13-1999-05-06-3048-G5>>. Acesso em: 30 mai. 2014.

BRASIL. **Lei nº 6042, de 12 de fevereiro de 2007**. Altera o Regulamento da Previdência Social, aprovado pelo Decreto nº 3.048, de 6 de maio de 1999, disciplina a aplicação, acompanhamento e avaliação do Fator Acidentário de Prevenção - FAP e do Nexo Técnico Epidemiológico, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6042.htm>. Acesso em 20 jan. 2013.

BRASIL. **Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos - Resolução 466/12**. Brasília: CNS/MS, 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2012.

CAMPOS, D. A. P. **Síndrome de Burnout**: o esgotamento profissional ameaçando o bem-estar dos professores. Dissertação de mestrado. UNIOESTE, Presidente Prudente-SP, 2008.

CARLOTTO, Mary Sandra. A síndrome de Burnout e o trabalho docente. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá-PR, vol.7, n. 1, jan.-jun./2002, p. 21 - 27. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a03.pdf>>. Acesso em 15 dez. 2012.

CARLOTTO, Mary Sandra; CÂMARA, Sheila Gonçalves. Síndrome de Burnout e estratégias de enfrentamento em professores de escolas públicas e privadas. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 26, p. 29-46, 2008.

CHALITA, Gabriel. **Educação**: a solução está no afeto. São Paulo: Editora Gente, 2001.

CORTESÃO, Luiza. Ser professor: um ofício em risco de extinção. São Paulo, Cortez/IPF, 2002.

EANGELISTA, Olinda; SHIMORA, Eneida Oto. Professor: protagonista e obstáculo da reforma. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 531-541, set./dez. 2007.

FERREIRA, Analita Barbosa Bastos et al. Síndrome de Burnout. **Revista de Tecnologia e Produção**, Varginha-MG, v.1, n. 3, 2013. Disponível em: <http://www.faceca.br/revista/index.php/revisistemasdeinfor/article/view/558/pdf_43>. Acesso em: 13 ago. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paula Ariane. **Assédio moral, reestruturação produtiva e síndrome de burnout em docentes**. Psicologia – Portal dos Psicólogos, 2010. Disponível em:

<<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0509.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

GASPARINI, Sandra Maria Gasparini; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1987, 206p.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: Ensinar aprender com sentido. São Paulo: Cortez, 2002.

JBEILE, Chafic. **Síndrome de Burnout**: identificação, tratamento e prevenção. SINPROABC, 2011. Disponível em: <<http://www.revistaoprofessor.com.br/wordpress/wp-content/themes/revistaonline/download/cartilhaSaude.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2013.

LEITE, Nádia Maria Beserra. **Síndrome de Burnout e relações sociais no trabalho**: um estudo com professores da educação básica. 2007, 168p. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/3261/1/2007_NadiaMariaBeserraLeite.PDF>. Acesso em 20 dez. 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2004, 305p.

NOLTE, Dorothy Law; HARRIS, Rachel. **As Crianças Aprendem o que Vivenciam**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

PASSERINO, L. R. I. M. O Supervisor Educacional à Luz da Concepção Libertadora. **Revista Acadêmica**, PUC, Curitiba-PR, 1996.

PINTO, José Marcelino Rezende. Remuneração adequada do professor: desafio à educação brasileira. **Revista Retratos da Escola**, Brasília-DF, v. 3, n. 4, p. 51-67, jan./jun. 2009.

REINHOLD, H. H. Burnout. In: LIPP, M. E. N. **O stress do professor**. Campinas: Papyrus, 2002, p. 63-80.

RITA, Joana Santos Rita; PATRÃO, Ivone; SAMPAIO, Daniel. Burnout, Stress Profissional e Ajustamento Emocional em Professores Portugueses do Ensino Básico e Secundário. In: Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, 7., Portugal, 2010. **Anais...** Portugal: Universidade do Minho, 2010.

SILVA, Graziela Nascimento da; CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de Burnout: um estudo com professores da rede pública. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, v. 7, n. 2, Campinas-SP, 2003, p.145-153.

SINPROABC. **Sindicato lança cartilha sobre Síndrome de Burnout**. SINPROABC, 2007.

Disponível em: <<http://www.revistaoprofessor.com.br/wordpress/?p=283>>. Acesso em: 19 fev. 2013.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. O Ofício, a Oficina e a Profissão: reflexões sobre o lugar social do professor. **Cadernos Cedes**, Campinas-SP, v. 25, n. 66, p. 249-259, mai./ago. 2005.

TOMAZELA, Nathália; GROLLA, Pollyanne Provinciattto; VENTURA, Acácia de Fátima. Síndrome de Bounout. In: Simpósio de Ensino de Graduação, 5., 23 a 25 out. 2007, Piracicaba-SP. **Anais...** Piracicaba-SP: UNIMEP, 2007. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/5mostra/4/264.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2015.

VASCONCELOS, C. S. **Para onde vai o professor?** Resgate do professor como sujeito da transformação. 12. ed. São Paulo: Libertad, 2007.